



Projeto Genesis – Educação e Comunicação Comunitária¹

Raquel Paiva e Muniz Sodré²

RESUMO

O desafio de pensar a estrutura comunitária nos dias de hoje assume, para um número significativo de pensadores, o valor de uma profecia. Além de ser um projeto de vinculação identitária e educacional, assume o estatuto de uma proposta a ser engendrada também pela área específica da comunicação e se configura a partir do que definimos por comunidade gerativa. Os processos midiáticos são considerados o *bios* da civilização atual e a necessidade de estruturas vinculativas se consolida como projetos contra-hegemônicos fundamentais. A revisão conceitual e análise de projetos assumem assim patamar de questionamento imprescindível para a área da comunicação

PALAVRAS-CHAVE

Comunicação - Comunidade – Educação – Cidadania – Comunicação Comunitária

Eu queria denunciar a destruição da natureza, mas pensei que, invés disso, talvez fosse mais interessante mostrar o que ainda resta de mais puro no planeta e também o quanto nos distanciamos dele. Perdemos a essência da vida. Também somos bichos, todos evoluímos da mesma célula básica. Achamos que somos os únicos racionais, mas até a vegetação tem uma forma de racionalização. Nós abandonamos essa ligação com o campo, com a natureza e estamos perdendo o planeta.³

Desta maneira o fotógrafo brasileiro mais conhecido na atualidade, Sebastião Salgado, explicou o seu projeto de oito anos, “Gênesis”, que em 2012 será concluído com uma série de exposições em todo o mundo e um filme dirigido por Win Wenders.

O projeto, que percorre os cinco continentes, pretende buscar “terras que permanecem iguais desde o começo da criação, humanos que representam os seres que fomos há milhares de anos”. E foi precisamente pela disposição em produzir uma

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cidadania do Encontro dos Grupos/Núcleos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professores do PPGCOM-ECO/UFRJ

³ -Sebastião Salgado em entrevista a Iara Crepaldi para a Revista Serafina, fevereiro de 2010, pag. 53 – Jornal Folha de São Paulo.



arqueologia da presença do ser humano no planeta que este projeto se transformou na inspiração para esta nossa nova proposta de pesquisa.

Basicamente, a idéia central agora é re-interpretar (no sentido vattimiano⁴ do termo) o conceito de comunidade, como base de pesquisa em uma instância social onde supostamente se encontre o que há de mais genuíno no ser humano: o desejo da convivialidade e da convivência não contratual. A suposição de princípio é de que a convivência seja inerente ao desenvolvimento individual e de que a sociabilidade natural seja aquela em que o compartilhamento se realize como o mais orgânico possível. Por esta razão, a estrutura comunitária transforma-se no cerne da questão.

Mas como abordar uma temática que até recentemente era amaldiçoada e banida dos fóruns acadêmicos, em especial da área da comunicação, sendo aceita apenas quando o viés era totalmente empírico e que agora alcança a *pole-position* dentre as temáticas da atualidade?

A falência dos modelos societários, tornada visível pelo *écran* global (como sugeria Baudrillard em grande parte da sua obra) deixou poucas possibilidades de saída para a civilização atual. A questão comunitária, a idéia da estrutura comunitária, desponta assim, nas mais diferentes instâncias do conhecimento, como uma pesquisa obrigatória, precisamente por se consolidar como uma alternativa social possível.

A temática ressurgue com os mais diversificados rótulos, sendo os mais usuais aqueles que tratam dos estudos sobre periferia, favela, exclusão social, minorias, cidadania, movimentos populares, movimentos contra-hegemônicos e uma variedade enorme de títulos e subtítulos, mas sempre marcados pela premissa da busca por alternativas ao modelo atualmente vigente. Autores das mais diferentes áreas do conhecimento são requisitados pelos estudos no campo da comunicação com o intuito de solidificar a investigação, que em geral trafega pela filosofia, política, sociologia, pedagogia e ainda pela antropologia.

A questão comunitária consolida-se no cenário atual como alternativa ao liberalismo na tentativa de ressignificar e também restaurar estruturas sociais que se encontram intensamente afetadas e esgarçadas. Instituições como a família, o trabalho, a educação, a participação política, a arte e a experiência estética foram fortemente afetadas

⁴ O filósofo italiano Gianni Vattimo tem sistematicamente em sua obra qualificado e conceituado a proposta da re-interpretação como o fundamento da sua “hermenêutica ontológica niilista”. Sugere-se como texto inaugural o livro “Il pensiero debole” editado pela editora Feltrinelli, Itália, 1983, organizado por Gianni Vattimo e Aldo Rovatti.



pelas estruturas vigentes e transmutaram-se em sistemas onde o indivíduo e a coletividade não se sentem integrados ou responsáveis.

Portanto, a busca de alternativas desponta como prioridade no cenário atual. E no que tange ao campo da comunicação especificamente, o esforço por formas de comunicação que sejam capazes de contribuir para alterar este cenário constitui tarefa urgente.

A busca por estruturas alternativas inscreve-se na atualidade como uma necessidade premente. Neste sentido, com o propósito de justificar metodologicamente a escolha temática, recorre-se ao sociólogo português Boaventura de Sousa Santos, que de uma maneira esquemática aborda a questão no seu livro “Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social”, uma série de conferências proferidas na Argentina em 2005. Boaventura diz que “não é simplesmente de um conhecimento novo que necessitamos; o que necessitamos é de um novo modo de produção de conhecimento. Não necessitamos de alternativas, necessitamos é de um pensamento alternativo às alternativas.”⁵

A argumentação centra-se na questão da monocultura, conceito muito bem explorado pela economista indiana Vandana Shiva, para quem “as monoculturas da mente fazem a diversidade desaparecer da percepção e, conseqüentemente, do mundo. O desaparecimento da diversidade corresponde ao desaparecimento das alternativas. Adotar a diversidade como forma de pensar, como um contexto de ação permite o surgimento de muitas opções”⁶.

Neste sentido, Boaventura desponta para a presente proposta como formulador de uma trajetória de pesquisa a ser implementada. Ele propõe para nós, do universo acadêmico, o desafio de arquitetarmos o que nomeou por “Sociologia das Ausências”. Trata-se de um conceito operativo: a idéia é de que muito da realidade é produzida ativamente como não-existente, e com isto reduz-se o real apenas àquilo que existe. O embate é contra esta “racionalidade preguiçosa”, como cunhou Boaventura, que produz como ausente uma realidade que poderia estar presente.

A Sociologia das Ausências “é um procedimento transgressivo, uma sociologia insurgente para tentar mostrar que o que não existe é produzido ativamente como não-existente, uma alternativa não-crível, invisível à realidade hegemônica do mundo”⁷.

⁵ SOUSA SANTOS, B. “Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social”, São Paulo, Editorial Boitempo, 2007, p. 24.

⁶ SHIVA, Vandana. “Monoculturas da mente – perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia”, São Paulo, Editora Gaia, 2003, p. 17.

⁷ Idem, p.28



Boaventura dispôs de maneira detalhada e esquemática a sua proposta, demonstrando como se produzem as ausências e propondo uma metodologia para substituir a monocultura pela ecologia e assim conseguir dilatar o presente, na medida em que são inseridas experiências e propostas relevantes.

Por outro lado, outra importante argumentação para a consolidação da Sociologia das Ausências é a concentração nos projetos para o futuro. Neste contexto, ele desenha a urgente necessidade de redefinir o que se compreende por futuro, abandonando a idéia de futuro infinito e distante, e concentrando-se no futuro concreto e contraído, esta é a base do que ele nomeou por “Sociologia das Emergências”. O autor explica a operacionalidade da proposta em que interpenetram as duas “sociologias”, porque, uma vez adotada a Sociologia das Ausências, muitas experiências que até então são invisíveis na atualidade passam a solicitar uma reflexão e a busca de alternativas “em caráter emergencial” para a sua existência no contexto da atualidade.

A questão, segundo ele, passará a ser a enorme quantidade de realidade que antes não existia. Sendo assim, ele reconhece que todos iremos nos confrontar com uma realidade muito mais rica, mas também mais fragmentada e muito mais caótica. O desafio pode ser ampliado porque diante desse novo cenários fatalmente serão exigidas novas concepções teóricas, novas proposições e novos paradigmas. Por esta razão, Boaventura é taxativo em seu argumento “não é possível uma epistemologia geral, não é possível uma teoria geral. A diversidade do mundo é inesgotável, não há teoria geral que possa organizar toda esta realidade.”⁸

Nestes 13 anos, desde que lançamos o livro “O Espírito comum – comunidade, mídia e globalismo”⁹, constatamos a pertinência da proposta tanto no eixo conceitual quanto no que se refere às experiências. Os estudos em torno da comunicação comunitária têm inserido projetos e experiências que reforçam a análise teórica na área e conseqüentemente alcançado estatuto para reflexão e cotejamento de políticas públicas. Populações ribeirinhas, de favelas, grupos rurais, amazônicos, sertanejos enfim umas infinidades de agrupamentos sociais unidos pela tônica do pertencimento e com as mais diferentes marcas identitárias têm sido, ao longo desses anos, analisados e avaliadas as possibilidades de usos de instrumentos e procedimentos comunicacionais.

Um número significativo de orientandos, em todos os segmentos, tem ocorrido com o propósito de refletir sobre o fenômeno ou trabalhar práticas comunicacionais para grupos

⁸ Idem, p.40

⁹ Inicialmente pela editora Vozes (1997) e posteriormente pela editora Mauad (2000)



específicos. Um número não menos significativo de representantes da sociedade civil também solicitado explicações e análises específicas para projetos. E, principalmente, inúmeras pesquisas na área. Muitas delas trabalhando com conceitos de maneira inadequada, criando neologismos ou expressões tautológicas, como comunidade de vinculação, comunidade de pertencimento, etc...

Os dois pólos – pesquisa teórica e empírica, a partir da demanda da sociedade - consolidam-se como afirmativos para que uma investigação aprofundada e pormenorizada se faça. Uma justificativa especial para a retomada temática no momento atual centra-se na argumentação de que o momento da primeira abordagem, há 13 anos, o contexto mundial era marcado pelo fantasma ameaçador da globalização.

A discussão está na pauta do dia. São inúmeros autores que até então tangenciavam a reflexão em torno da estrutura comunitária e que agora passam a fazê-lo. Seja por iniciativa de instituições paradigmáticas de pesquisa seja por exigência do próprio objeto, que se interpõe a cada dia de maneira mais marcante. Recentemente, em 2004, a UNESCO, realizou um colóquio em torno do tema, reunindo pesquisadores de áreas distintas como Umberto Eco, Furio Colombo, Alain Minc, Henri Atlan, dentre outros. Pode-se registrar ainda o intenso volume de edições que tem surgido nos últimos tempos em torno da temática, com autores novatos e também reedições de autores considerados clássicos para os estudos do comunitarismo. Esta proposta pretende cotejar todo este ambiente, iniciando um trabalho de mapeamento de autores em busca do acercamento maior em torno do tema.

Por outro lado, é preciso justificar ainda que no intuito de fortalecer a argumentação recorre-se a proposição do filósofo pragmatista norte-americano Richard Rorty em sua argumentação sobre o lugar dos conceitos. Para ele, os conceitos possuem intrínseca relação com o contexto histórico e com a sociedade na qual foram gerados e que, muitas vezes, não representam nada em contextos diferentes. Em sua opinião, permanecer utilizando e insistindo em conceitos que não representam mais nada, além de impedir o surgimento de novas idéias e de interpretação, representa uma fonte de sofrimento para a sociedade atual.¹⁰

¹⁰ Há diversas passagens na obra de Richard Rorty onde esta questão é abordada. Sugere-se os títulos “Contingência, ironia e solidariedade” editado pela Editorial Presença, em 1992; também “Pragmatismo e política” pela Martins em 2005; ainda no livro “Filosofia, racionalidade, democracia – os debates Rorty e Habermas”, organizado por José Crisostomo de Souza e editado pela UNESP em 2005; também dois livros explicativos da obra da Rorty, um de Paulo Ghirardelli Júnior, editado pela Vozes, em 1999 e outro de Gideon Calder, editado pela UNESP em 2006, o segundo comporta um esforço no sentido da proposta da “redescricao” de Richard Rorty.



O conceito de comunidade encontra-se neste limiar, pois está certamente dentre as idéias mais evocadas na atualidade. Por outro lado, a sua re-interpretação transforma-se a cada dia numa premência. Isto porque, se para os povos do norte, os europeus principalmente, a palavra evoca momentos sombrios da sua história, vinculados ao nazifascismo - já que são estreitas as conexões com a valorização territorial e conseqüentemente aos idéias nacionalistas - para os países do hemisfério sul, sugere uma ordem alternativa de existência, pensamento e postulado, capaz de engendrar novos e novíssimos formatos de estruturas sociais.

Por isso, de repente, volta-se a falar muito em comunidade. Anos atrás, a palavra parecia banida dos textos acadêmicos, a título de anacronismo. Temia-se — como ainda se teme em determinados círculos — a sua associação aos velhos fenômenos da direita política. No entanto, diversas experiências contemporâneas de aproximação ou contato com as zonas “periféricas” do mundo (eufemismo para os muito pobres, os excluídos da cidadania) se inserem no âmbito do que se poderia chamar de “comunitário”.

Dentre os teóricos que têm norteado as pesquisas atuais está o professor italiano de filosofia política da Universidade de Nápoles Roberto Esposito. Para ele, o tema da comunidade ocupa o centro do debate filosófico atual. Para ele, os pensadores contemporâneos, assim como a tradição filosófica, têm cometido o mesmo erro que é o de pensar a comunidade ora como um objeto, uma essência, uma coisa em si, ora como um sujeito (como uma “subjetividade mais vasta”, constituída de diversas subjetividades).

Na realidade, argumenta, todas essas concepções têm em comum o pressuposto de que a comunidade é uma “propriedade” dos sujeitos que ela reúne - um atributo, um predicado que os qualifica como pertencentes a um mesmo grupo - ou ainda que ela é uma “substância” produzida pela união desses sujeitos. Nos dois casos, ela é concebida como uma qualidade que se agrega à natureza do sujeito, fazendo dele um sujeito de comunidade, ou seja, de uma entidade mais ampla que a subjetividade individual. E também superior a essa identidade individual, embora tenha nascido dela.¹¹

A tentativa de Esposito é romper com a perspectiva essencialista que marca a conceituação da comunidade. Ele propõe uma ruptura com o próprio léxico - a própria linguagem - da filosofia política moderna. Trata-se de encontrar um ponto de partida hermenêutico exterior à tradição filosófica. E esse ponto de partida, que o levará a uma

¹¹ Utiliza-se aqui o livro “Comunitas – origine e destino della comunita”, publicado em 1998, pela Einaudi.



noção de comunidade radicalmente diferente, ele encontra na etimologia da palavra “comunidade”, ou seja, no termo latino *communitas*, que se forma a partir dos vocábulos *cum* e *munus*.

Cum é a preposição “com”. *Cum* é aquilo que nos coloca uns diante dos outros, uns em relação com os outros, uns com os outros - é aquilo nos lança na experiência de estar junto. *Cum* é, portanto, aquilo que liga, que junta o *munus*. O termo *munus* possui três significações possíveis, todas elas relacionadas à idéia de dever, de obrigação, de encargo, de função. São elas *onus*, *officium* e *donum* (ônus, ofício e dom ou doação). Se as duas primeiras estão claramente associadas à idéia de dever, a terceira - dom - aparentemente não tem nenhuma relação com obrigação.

Em que sentido uma doação seria um dever? Esse *donum* expresso no vocábulo *munus* significa efetivamente uma doação, mas uma doação particular, distinta pelo seu caráter obrigatório, por envolver a idéia de troca, de reconhecimento. O *donum*, é aquilo que se dá porque tem que ser dado. É como um tributo que se deve pagar. *Munus* expressa na relação dos homens uns com outros estabelecida pelo *cum*, um reconhecimento recíproco, um engajamento comum, uma espécie de comunhão.

Esposito insiste na idéia de que aquilo que os membros de uma comunidade têm em comum não é alguma coisa de positivo - um bem, uma propriedade - nem um pertencimento, nem uma essência.. O que eles têm em comum é um dever, uma tarefa, uma dívida. O que une as pessoas, segundo o autor, é uma falta que as obriga a cumprir determinadas tarefas. E é isso que os une: essa dívida que todos têm para com todos; uma obrigação, nascida da falta, do vazio, do medo de cada um.¹²

Portanto, para Esposito, os sujeitos de uma comunidade são unidos por um dever, um dever que faz com que eles não sejam senhores de si mesmos, um dever que os expropria da sua subjetividade. Essa é uma linha de investigação a ser pesquisada uma vez que o teórico é uma das mais consultadas referências sobre a temática na atualidade.

E para concluir esta abordagem que sugere uma contraposição com a estrutura societária, recorre-se novamente a Esposito, na medida em que ele alerta ainda para o fato de que na época moderna, as comunidades religiosas e tradicionais vão ser postas em xeque por novas formas de sociabilidade. É neste contexto que surge, em

¹² - como texto complementar sugere-se o texto do autor “Niilismo e comunidade” traduzido e publicado no livro que organizei “O retorno da comunidade – os novos caminhos do social”, editado em 2007, pela editora Mauad.



contraposição à categoria de *communitas*, a categoria de *immunitas*. *Immunis* é aquele que não tem dívida, obrigação em relação aos demais homens. A gratidão que leva o sujeito a se sentir devedor e a pagar com uma doação já não é uma característica do homem moderno. Os indivíduos modernos são *immunis*¹³ e estão dispensados da dívida que liga uns aos outros, estão liberados do contato que ameaça a sua identidade e a sua individualidade, daquilo que os expõe a um possível conflito com o seu vizinho.

Finalmente é preciso explicitar que a abordagem em torno da comunicação comunitária para nós pesquisadores do LECC – Laboratório de Estudos em Comunicação Comunitária (núcleo de pesquisa da Escola de Comunicação da UFRJ, criado a 13 anos) - concentra-se no entendimento de conjugar o processo comunicacional com outras ordens tão importantes quanto a da vinculação. Neste sentido, cabe menção aos projetos de pesquisa desenvolvidos recentemente sobre política e educação e também aos projetos de pesquisa de outros pesquisadores do Laboratório – tanto membros do corpo docente, quanto discente (em todas as categorias, quais sejam: pós-doutoramento, doutorado, mestrado e graduação) – em que tem se buscado estabelecer conexões com a temática da estrutura comunitária a partir de temáticas complementares, com resultados muito produtivos.

Por esta razão, confirma-se como um dos autores basilares para inaugurar a atual investigação o teórico norte-americano John Dewey para quem democracia, comunidade e educação faziam parte de um sistema conjunto condicionado à superação humana.

Democracia é um modo de vida comandado por uma operante fé nas possibilidades da natureza humana. Está fé pode ser decretada por leis, mas ela será apenas papel a não ser que seja colocada em vigor nas atitudes que os seres humanos possuem uns com os outros em todas as circunstâncias e relações da vida cotidiana.¹⁴

A questão educacional tem sido uma área de incisiva dedicação no laboratório, com cursos tanto nas coletividades quanto no Programa de Pós Graduação. A retomada do projeto LCC – Projeto Leitura Crítica da Mídia – desenvolvido como projeto de pesquisa gerou um número significativo de textos, teses, dissertações, trabalhos que foram apresentados em congressos e seminários da área. Por outro lado, é preciso fazer menção ao resultado mais significativo alcançado que foram diversas experiências de

¹³ Esta idéia encontra-se mais amplamente trabalhada no livro “Immunitas – protezione e negazione della vita”, editado em 2002 pela Einaudi.

¹⁴ -DEWEY, J. “The essencial Dewey. Vol. II: Ethics, Logic, Psychology”. Editado por Larry Hickman e Thomas Alexander. Blomington, Indiana University Press, 1998, p.77.



re-interpretação do método em distintas coletividades em cidades variadas do país, onde se comprovou a eficácia de várias vertentes do método LCC.

A reflexão em torno da abordagem do pensamento crítico, como única forma de fazer frente ao ambiente de intensa produção midiática continua sendo investimento que o Laboratório executa sistematicamente. Desta maneira, comprova-se que o percurso que tem se trilhado tem coerência principalmente por estar inserido numa práxis de intensa vitalidade.

A pesquisa irá se desenvolver em duas vertentes que serão realizadas concomitantemente. A primeira é o que nomeamos como uma arqueologia do conceito. Esta revisão bibliográfica pretende abarcar autores de diferentes áreas do conhecimento que através dos tempos pensaram o conceito de comunidade. Acredita-se que a partir dessa investida possa-se traçar o que é a pretensão maior da presente proposta: propor um conceito de comunidade e conseqüentemente de comunicação comunitária adequado aos dias atuais.

A segunda parte da proposta encontra-se afinada e contida na primeira proposição uma vez que se pretende mapear de que maneiras a área tem estudado, conceituado e refletido sobre o tema. Essa é uma questão urgente, uma vez que nota-se uma grande profusão de pesquisas sobre a temática e com proposições das mais variadas possíveis, inclusive aquela adotada pela mídia, em especial a carioca, que convencionou designar comunidade como sinônimo de favela ou morro, geralmente os espaços populares, irregulares ou não. Não se constata, por exemplo o uso genérico do termo comunidade para se referir a áreas com população de maior poder aquisitivo, a estes espaços convencionou-se denominar por condomínios. Não se pode deixar de mencionar ainda os títulos criados para designar grupos específicos, como comunidades sociais (para aquelas dentro do espaço virtual), comunidade virtual (diferente das sociais apesar de pertencerem ao mesmo espaço) os inúmeros tipos de agrupamentos religiosos, os familiares, os de grupos específicos, os político-partidários, etc....

A proposta é tentar discriminar os termos que a área tem adotado como sinônimo de comunidade. A idéia inicial da pesquisa é ir de encontro ao que se tem constatado na área, na medida em que surgem inúmeras pesquisas com nomeações paralelas apesar de trata-se do mesmo objeto. Por esta razão, em primeiro lugar, pretende-se recuperar a questão central em torno do conceito de comunidade, traçando uma investigação que recupere teóricos de todos os tempos e também os atualíssimos de todas as áreas do pensamento.



E, em segundo lugar, concentrar-se no campo específico da comunicação e mapear os estudos e pesquisas em comunicação comunitária (cidadã, popular, contra-hegemônica, alternativa, periférica, etc) que a área tem produzido. Esta cartografia pretende investigar até que ponto tem se conseguido gerar conhecimento no que tange ao tema específico. Desta forma, o presente projeto possui três eixos metodológicos : arqueologia do conceito (comunidade); cartografia dos estudos na área (comunicação comunitária); e finalmente uma etno-reportagem de experiências comunitárias paradigmáticas (tanto veículos como projetos culturais comunitários)

Isto porque uma vez não sendo unívoco o significado da palavra comunidade, constata-se a necessidade no presente momento de realizar uma larga investigação em torno do conceito. Uma vez que nos encontramos diante do novo cenário mundial, já tendo ultrapassado as previsões da globalização, quando se realizou a primeira investigação, e por estarmos diante de uma proliferação de pesquisas em torno do tema.

Realizar esta arqueologia do conceito significa além de retomar pensadores clássicos, empreender também uma investigação sobre os fóruns acadêmicos em que a temática tem sido utilizada. Constata-se que há múltiplas variações nominativas para explorar o fenômeno e cabe na segunda etapa da pesquisa avaliar as formas que o corpo de pesquisadores da área tem usado para se acercar da temática.

É que não se pode acreditar no mito da república una e indivisível, aqui e em toda parte. Para nos atermos ao Brasil, tem ficado evidente que não existe a sociedade brasileira, e sim uma pluralidade de contextos existenciais, com escalas diferenciadas de riqueza, pobreza e miséria, que reivindica a temática do comunitário, mais do que o societário. Também se trafega na oposição entre liberais e comunitários. Finalmente, se adicionarmos as tecnologias de informação e os processos de transmissão de dados, tem-se um novo volume de designações e conceituações que partem desde as comunidades virtuais, rádios comunitárias, veículos cidadãos, veículos populares etc.

COMUNIDADE E EDUCAÇÃO

A indagação sobre o ser comunitário passa igualmente pela problemática da educação. Esta, em seus patamares elevados tem a ver com *hexis* (costume, mas sem a idéia de automatismo do *ethos*) e *praxis* (prática de ações com a disposição voluntária e racional para atos justos e equilibrados). Mas em sua base está o *ethos* grupal, ou seja, a vinculação comunitária, que responde pela formação das



crenças. Por isso, diz Wittgenstein que, para começarmos a crer em alguma coisa, é preciso que funcione aquele “meio vital” dos argumentos, que não consiste de uma proposição isolada, mas de um “inteiro sistema de proposições”, mutuamente apoiadas, de tal maneira que “a luz se expanda gradualmente sobre o todo”.

Esse mesmo mecanismo se encontra na base de qualquer conhecimento, tal como esclarece Piaget: “O conhecimento não começa no objeto, e sim nas interações. Enquanto estas são feitas de atos isolados, não coordenados, não podemos falar de objeto nem de sujeito. À medida que as interações dão origem a coordenações, há uma construção recíproca e simultânea do sujeito por um lado, e do objeto, por outro”.¹⁵ Pode-se associar a este argumento o conceito de faculdade mimética, que Benjamin vê como inerente à história ontogenética e filogenética do homem: “A natureza engendra semelhanças: basta pensar na mímica. Mas é o homem que tem a capacidade suprema de produzir semelhanças. Na verdade, talvez não haja nenhuma de suas funções superiores que não seja decisivamente co-determinada pela faculdade mimética”.¹⁶

Assim, o que faz fixar-se uma crença — ou desenvolver-se um conhecimento — não é uma qualidade intrínseca de clareza da proposição, mas a solidez do sistema, capaz de estimular, desde a primeira infância, as interações e a faculdade mimética. Neste plano, a força da convicção é maior que a da verdade. Não se trata, portanto, de saber o que se diz saber, e sim de aceitar como solidamente fixado aquilo que já se sabe.

E por que esse saber se fixa? Por confiança na autoridade das fontes, por aquilo que se transmite de uma certa *forma* no interior de

¹⁵ Cf. Evans, Richard. *Piaget: o homem e as suas idéias*. Sociocultur, Lisboa, 1973, p. 65.

¹⁶ Benjamin, Walter. *A doutrina das semelhanças*. In *Obras Escolhidas I. Magia e técnica, arte e política*. Brasiliense, 1993, p. 108.



um *comum*, um *meio*, tido como vital, por ser fonte de razoabilidade e afeto, logo, de convencimento. Diz um provérbio africano (iorubá): “Só aprende quem respeita”. E Wittgenstein “É assim que eu creio em fatos geográficos, químicos, históricos, etc. É assim que eu aprendo ciências. E claro, aprender apóia-se naturalmente em crer”.¹⁷ Dizer que se sabe alguma coisa equivale a ter a coisa como certa, mas a certeza está em quem crê, logo numa dimensão indefinida ou obscura, e não no fundamento racionalista e transparente da crença.

Deste modo, um saber anacrônico como o que está implícito no racismo pode perder validade histórica, mas ainda assim deixar intacto o “meio vital” em que foi gerado, ou seja, uma forma social, onde prospera um certo tipo de sensibilidade capaz de alimentar as crenças sobre a inferioridade humana do Outro. Um exemplo: mesmo abolido, em termos políticos e jurídicos, o regime escravagista, nada impede que uma sociedade com forte tradição patrimonialista e senhorial preserve relações sociais de natureza escravista por meio de um jogo de posições em que o lugar social do descendente de escravo já esteja ideologicamente predeterminado por escassa visibilidade nos foros públicos, barreiras educacionais e empregatícias. Uma forma social é historicamente assimétrica à modernidade das formas de produção vigentes.

Por isso, ao se cogitar de reformas sociais ou de promover educacionalmente as massas, torna-se imperativo rever a velha movimentação comunitária à luz da inteligência presente, a fim de se interferir política e ideologicamente no “meio vital” em que se constituem as representações sociais responsáveis pelos conceitos e preconceitos situados na base do amor-próprio do homem nacional.

¹⁷ Ibidem, p. 63.



Em certos contextos discursivos, há quem prefira trocar comunidade por “local”. Este é o caso do sociólogo norte-americano Richard Sennet, para quem, no novo mundo globalizado, aumenta a importância do local. Por que? Porque “o sentido do local baseia-se na necessidade de pertencer não à “sociedade” em sentido abstrato, mas a algum lugar em particular. Na medida em que as instituições conhecidas de economia reduzem a experiência de pertencer a algum lugar especial no trabalho, o compromisso das pessoas com lugares geográficos, tais como nações, cidades e localidades, aumenta”.¹⁸ O “local” sennetiano não deve ser entendido em termos puramente geográficos, mas como a aproximação comunitária que buscamos.

4. Bibliografia inicial

1. “Que faire de La communauté?” – Lês Cahiers Philosophiques de Strasbourg, , n. 24, segundo semestre de 2008, editado por Andrea Potestà, uma publicação do Departamento de Filosofia da Université Marc Bloch.
2. “Communauté” – Fórum International Communauté Maison de L’Unesco, Bernard Grasset/Edition UNESCO, 2006.
3. BUBER, Martin. “Sobre Comunidade” ,Editora Perspectiva, Debates Sociologia, 1987
4. PAIVA, Raquel “O espírito comum – mídia, comunidade e globalismo” Editora Mauad, 2002.
5. ----- . “O retorno da comunidade- os novos caminho do social” , Editora Mauad, 2008

¹⁸ Sennet, Richard. In Combates e Utopias (org. de Dênis de Moraes). Ed. Record, p. 148.



6. PLESSNER, Helmuth “I limiti della comunità – per una critica Del radicalismo sociale” , Editori Laterza, 2001.
7. SANTOS, Boaventura Souza. “Um discurso sobre as ciências”, Edições Afrontamento, 1986.
8. ----- . “ Renovar a teoria critica e reinventar a emancipação social” Editorial Boitempo, 2007.
9. SHIVA, Vandana. “Monoculturas da mente – perspectivas da biodiversidade e da biotecnologia” , Editora Gaia , 20003.
10. VENEZIANI, Marcello. “Comunitari o liberal – la prossima alternativa” Roma, Editori Laterza, 1999
11. ESPOSITO, Roberto “Communitas – origine e destino della comunità” Torino, Einaudi Editori, 1998.
12. ----- . “Immunitas – protezione e negazione della vita” Torino, Einaudi Editori, 2002.
13. AGAMBEN, Giorgio “A comunidade que vem” . Lisboa, Ed. Presença, 1993.
14. APEL, Karl-Otto “Comunità e comunicazione” Torino, Rosenberg e Sellier, 1992.
15. BLANCHOT, Maurice “La comunità inconfessabile” Milano, Feltrinelli, 1984.
16. MAFESOLLI, Michel “O tempo das tribos – o declínio do individualismo nas sociedades de massa” Rio de Janeiro, Forense, 1987.
17. MARTINDALE, Don “Comunidad, carácter u civilización” Buenos Aires, Biblioteca de Psicogocia, 1963.
18. MIRANDA, Orlando “Para ler Ferdinand Tönnies” São Paulo, Edusp, 1995.
19. NANCY, Jean-Luc “La comunità inoperosa” Milano, Ed. Cronopio, 1992.
20. DE AVILA, pe. Fernando Bastos “Solidarismo”, Rio de Janeiro, Agir, 1965.
21. ANDERSON, Benedict “Comunidades imaginadas – reflexões sobre a origem e difusão do nacionalismo” São Paulo, Cia das Letras, 1991.
22. TONNIES, Ferdinand “Comunidad y asociación – El comunismo y el socialismo como formas de vida social” Barcelona, Ed. Península, 1979.
23. BAUMAN , Zigmund “Comunidade – a busca por segurança no mundo atual” Rio de Janeiro, Zahar Editores, 2001.
24. SENNET, Richard “Respeito – a formação do carácter num mundo desigual” Rio de Janeiro, Record, 2004.



25. ----- . “A cultura do novo capitalismo” Rio de Janeiro, Record, 2008.
26. MacINTYRE, Alasdair “Marxism and Christianity” London, Duckworth, 1995.
27. ----- . “Dopo la virtù – saggio di teoria morale” Milano, Feltrinelli, 1993.
28. ORTEGA, José & GASSET “ A rebelião das massas” Rio de Janeiro, Livro Ibero-americano, 1971.
29. APPIAH, Kwame Anthony “ Na casa de meu pai – a África na filosofia da cultura” Rio de Janeiro, Contraponto, 1997.
30. TAYLOR, Charles “La malaise de la modernité” Paris, Du Cerf-Humanités, 1995.
31. ----- . “ Radici dell’ io – La costruzione dell’identità moderna” Milano, Feltrinelli, 1993.
32. ----- & HABERMAS, Jürgen “Multiculturalismo – lotte per Il riconoscimento” Milano, Feltrinelli, 1998
33. HABERMAS, Jürgen “L’inclusione dell’altro – studi di teoria política” Milano, Feltrinelli, 1998.
34. BAHBA, Homi K. “O local da cultura” Belo Horizonte, Editora UFMG, 2003.
35. GRAFMEYER, Yves & JOSEPH, Isaac (orgs) “ L’École de Chicago – naissance de l’ecologie urbaine” Paris, Flammarion, 2004.
36. RORTY, Richard “Pragmatismo e política “ São Paulo, Martis, 2005
37. ----- . “Objetivismo, relativismo e verdade – escritos filosóficos I” , Rio de Janeiro, Relume-Dumará, 1997.
38. ----- . “El pragmatismo, uma version – autoritarismo em epistemologia y ética” Barcelona, Ariel Filosofia, 2000.
39. ----- . “ Contingência, ironia e solidariedade” Lisboa, Editorial Presença, 1992.
40. SOUZA, Crisóstomo José de (org.) “Filosofia, racionalidade, democracia – os debates Rorty & Habermas” São Paulo, Editora UNESP, 2005.
41. DEWEY, John “A opinião publica e seus problemas” Espanha, Morata, 2004
42. ----- . “Common Faith” Yale University Press, 1999
43. PUTMAN, Robert. “Comunidade e democracia” Rio de Janeiro, FGV, 2008
44. MILOVIC, Miroslav “Comunidade da diferença” Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2004



45. RHEINGOLD, Howard. “A comunidade virtual” Lisboa, Gradiva, 1997.
46. VATTIMO, Gianni “Ecce Comu – come si ri-diventa cio Che si era” Roma, FAzi Editore, 2007.
47. ----- . “Filosofia al presente” Milano, Garzanti, 1990.

-
1. WWW.intercom.org.br
 2. WWW.compos.org.br
 3. WWW.felafacs.org
 4. WWW.alaic.net